

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
Curso de Enfermagem

JACKELINE FREITAS MARINHO NASCIMENTO

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NA DESMISTIFICAÇÃO DE ESTIGMAS ACERCA
DA MENSTRUACÃO**

Goiânia - GO

2022

JACKELINE FREITAS MARINHO NASCIMENTO

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NA DESMISTIFICAÇÃO DE ESTIGMAS ACERCA
DA MENSTRUACÃO**

Projeto apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para conclusão da disciplina.

Orientado(a): Prof^a. Dra. Maria Alice Coelho

Goiânia - GO

2022

RESUMO

Introdução: A descamação do útero ocorre após um ciclo de preparação do útero para abrigar o embrião, a descamação produz o sangue menstrual o qual foi visto por séculos como impureza e castigo divino pelas autoridades cristãs até que fosse devidamente estudado e vinculado a reprodutividade. Porém, tantos anos de falta de informação fizeram a menstruação criar inúmeros estigmas sociais que remetessem essa fase do ciclo a algo vergonhoso (ESTEVES, 2021). **Objetivo:** Analisar a percepção dos acadêmicos do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás quanto às crenças e estigmas relacionados ao período menstrual, identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres, verificar a percepção dos acadêmicos quanto ao papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual e identificar o entendimento dos acadêmicos quanto à pobreza menstrual. **Material e método:** trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa realizado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) com discentes da Escola de Ciências Sociais e da Saúde (ECISS) do 1º e do 10º ciclo do curso de enfermagem no qual foi utilizado um questionário semiestruturado elaborado pela autora para coletar a opinião dos discentes quanto a pobreza menstrual, crenças e estigmas da menstruação, a interferência destes na vida das mulheres e o papel do enfermeiro na desmistificação. Para analisar os dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. **Resultados e Discussão:** os discentes possuem idade entre 18 a 20 anos e 21 a 23 e a maioria são do sexo feminino. Cerca de 67,9% da população de estudo alegou conhecer crenças e estigmas acerca da menstruação, o fato de serem silenciadas pelo tabu da menstruação, terem as atividades do dia-a-dia limitada e os desconfortos e inseguranças gerados pela menstruação foram abordados nos impactos destes na vida das mulheres. 56,8% apontaram a orientação às mulheres a respeito do período menstrual como papel do enfermeiro. Aproximadamente 1/3 da população de estudo conceituou pobreza menstrual como falta de informação, ficando atrás somente da falta de absorvente e coletores menstruais. **Conclusão:** Ainda hoje existem crenças e tabus a respeito da menstruação que devem ser abordadas cientificamente afim de promover o bem estar a saúde da mulher. Fornecer os recursos necessários para as mulheres passarem por esse período, mas não orientar quanto ao uso adequado dos mesmos pode acarretar problemas para a saúde das mulheres.

Palavras-chave: Saúde da mulher. Menstruação. Crenças.

LISTA DE ABREVIATURAS

ECISS	Escola de Ciências Sociais e da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC/GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
SPM	Síndrome Pré - Menstrual
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPM	Tensão Pré- Menstrual
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos discentes do 1º ciclo por sexo biológico.....	20
Gráfico 2- Distribuição dos discentes do 10º ciclo por sexo biológico.....	21
Gráfico 3 - Distribuição dos discentes do 1º ciclo por faixa etária.....	22
Gráfico 4 - Distribuição dos discentes do 10º ciclo por faixa etária.....	22
Gráfico 5 - Crenças e estigmas sobre a menstruação dos discentes do 1º ciclo.	23
Gráfico 6 - Crenças e estigmas sobre a menstruação dos discentes do 10º ciclo.	25
Gráfico 7- Ponto de vista dos discentes do 1º ciclo em relação as interferências das crenças e estigmas na vida das mulheres.....	26
Gráfico 8- Ponto de vista dos discentes do 10º ciclo em relação as interferências das crenças e estigmas na vida das mulheres.....	27
Gráfico 9- O papel do enfermeiro segundo os discentes do 1º ciclo.	28
Gráfico 10 - O papel do enfermeiro segundo os discentes do 10º ciclo.	29
Gráfico 11- Conceito de pobreza menstrual segundo os discentes do 1º ciclo.....	30
Gráfico 12- Conceito de pobreza menstrual segundo os discentes do 10º ciclo.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	10
2.1 Objetivo Geral	10
2.2 Objetivos específicos	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 O ciclo menstrual	11
3.2 Aspectos sociais, psicológicos e biológicos que interferem no ciclo e no período menstrual	11
3.3 Crenças, mitos e tabus que envolvem o período menstrual	13
3.4 Pobreza Menstrual	14
3.5 Papel do profissional de saúde na desmistificação das crenças, mitos e tabus que envolvem o período menstrual	15
4 METODOLOGIA	17
4.1 Tipo de estudo	17
4.2 Local de estudo	17
4.3 População de estudo	17
4.4 Coleta de dados	18
4.5 Análise de dados	19
4.6 Aspectos éticos e legais	19
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	20
5.1 Perfil dos participantes da pesquisa	20
5.2 Crenças e estigmas dos acadêmicos de enfermagem sobre o período menstrual ..	23
5.3 Interferência das crenças e estigmas dos acadêmicos de enfermagem sobre o período menstrual na vida das mulheres	25
5.4 Percepção dos acadêmicos quanto ao papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual	27
5.5 O conceito de pobreza menstrual segundo os discentes	29
6 CONCLUSÕES	32
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	35
ANEXOS	40
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	40
APÊNDICES	44
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para coleta de dados presencial)	44
APÊNDICE B - Instrumento de coleta de dados	48

APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para coleta de dados online)	49
APÊNDICE D - Instrumento de coleta de dados virtual	52

1 INTRODUÇÃO

A menstruação é um processo fisiológico do corpo feminino durante o ciclo reprodutivo no qual o tecido que envolve a parede interna do útero, chamado de endométrio, sofre uma descamação devido à ausência de fecundação dos óvulos (RATTI, 2015).

Essa descamação é eliminada através da vagina e tem a duração média de cinco ou seis dias, todos os meses do ano e, em geral, a partir dos 12 anos da vida de uma mulher, desde que não haja intercorrências que altere o ciclo menstrual e até que ela entre em um outro período denominado menopausa (THIYAGARAJAN; BASIT; JEANMONOD, 2018).

Inúmeras simbologias e superstições surgiram no decorrer da evolução da humanidade afim de explicar a menstruação e ensinar as mulheres a lidar com esse período. A incompatibilidade do sangue com a água ressalta uma das crenças advindas desses períodos justificando assim que as mulheres deveriam evitar hábitos de higiene com água durante o período menstrual (RATTI, 2015).

O contato com o sangue foi visto por séculos como impureza e castigo divino pelas autoridades cristãs até que fosse devidamente estudado e vinculado a reprodutividade. Porém, tantos anos de falta de informação fizeram a menstruação criar inúmeros estigmas sociais que remetessem essa fase do ciclo a algo vergonhoso (ESTEVES, 2021).

Os tabus que envolvem a menstruação perpetuaram dentro de religiões e culturas justificados pela hierarquia de gênero na qual, segundo Esteves (2021, p.203), “transformou um símbolo sagrado em profano” afim de manter a mulher no estereótipo de fraqueza e de inferioridade perante o sexo masculino. Ainda que com o passar dos anos estudos tenham sido desenvolvidos e informações venham de forma mais acessível as próprias mulheres parecem abdicar de conhecer de forma aprofundada sobre o assunto (RODRÍGUEZ; GALLARDO, 2017)

O interesse pelo tema surgiu após a pesquisadora assistir um programa de televisão que abordava a forma como a menstruação era vista no território indiano. Em entrevistas com um grupo de meninas elas demonstravam possuir pouca informação sobre o período menstrual, e não conheciam nada além do que suas mães haviam lhes dito. Para algumas um absorvente era algo inaccessível, outras nem ao menos sabiam do que se tratava. Por outro lado, ao questionar o sexo masculino inúmeros estigmas voltados a impureza e falta de higiene foram relacionados ao ciclo menstrual.

Semelhante caso pude observar em um outro documentário voltado a um território do continente africano ao qual uma brasileira se junta a uma tribo cujo período em que as mulheres estivessem menstruadas precisavam ficar afastadas do restante da aldeia por se tratar de um momento em que elas estavam “sujas” e deveriam se purificar isoladas em uma casa separada.

Em uma realidade de âmbito nacional, o assunto voltou a chamar atenção em meados de 2020 ao me deparar com uma postagem em uma rede social questionando por curiosidade, a quem quisesse responder, o que foi ensinado para se fazer ou não durante a menstruação. As respostas me levaram, enquanto estudante da área da saúde a refletir sobre a perpetuação de estigmas menstruais.

Dessa forma, enquanto acadêmica de enfermagem e portadora de noções fisiológicas do corpo humano fez se necessário buscar respostas para os seguintes questionamentos: os acadêmicos do 1º e do 10º ciclo do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO) possuem crenças sobre o período menstrual que ainda impactam a vida das mulheres? Se sim, quais são essas crenças? Na percepção destes acadêmicos, qual o papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas sobre a menstruação?

Esta pesquisa busca elevar a importância da temática estudada e fornecer à população informações, as quais posteriormente possam servir para prevenir doenças e promover saúde às mulheres. Além disso, os resultados desta pesquisa poderão beneficiar ainda as instituições e os profissionais de saúde, as instituições de ensino e os estudantes de outras diversas áreas.

No que se refere às instituições e aos profissionais de saúde, os benefícios recaem sobre a possibilidade de utilizarem as informações e orientações produzidas para qualificar a assistência a ser prestada, contribuindo para o alcance de bem-estar físico, mental e social das mulheres e, possivelmente diminuindo os gastos do sistema de saúde.

Quanto às instituições de ensino, os conhecimentos produzidos poderão ser utilizados como conteúdo para orientar a formação dos estudantes das diversas áreas, preparando-os para o mercado de trabalho e para que possam prestar assistência segura e de qualidade à população.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a percepção dos acadêmicos do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás quanto às crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres.
- Verificar a percepção dos acadêmicos quanto ao papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.
- Identificar o entendimento dos acadêmicos quanto à pobreza menstrual.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O ciclo menstrual

O ciclo menstrual nada mais é do que um ciclo de mudanças pelas quais o útero passa em um determinado espaço de tempo. É um processo natural que ocorre devido a não fecundação dos óvulos durante os anos férteis de uma mulher. Esse ciclo dura em torno de 28 dias, podendo ocorrer variações para mais ou menos dependendo dos impactos do meio interno ou externo (GÓMEZ-SÁNCHEZ, P. I. et al., 2012).

Esse período é constituído por três fases: proliferativa, secretora e menstrual. Elas são estimuladas através de hormônios a executar ações que promovam o desenvolvimento do útero preparando-o para o recebimento do embrião. No entanto, com a ausência de fecundação ocorre a queda na quantidade de hormônios e consequentemente na menstruação (GÓMEZ SÁNCHEZ, P. I., 2016).

Essas alterações marcam o início da idade reprodutiva da mulher e são observadas, em geral, nas meninas a partir dos 10 aos 16 anos, período denominado puberdade, e perpetua por toda a vida da mulher até a menopausa, que ocorre em torno dos 51 anos de idade (THIYAGARAJAN; BASIT; JEANMONOD, 2018).

O sangramento mensal que as mulheres apresentam durante o período reprodutivo, possuem diferentes características. Este pode ser mais intenso ou não, pode ter cores diferentes, ou odores peculiares em contato com o ar (KAUR, R.; KAUR, K.; KAUR R., 2018).

Apesar de fisiologicamente o período menstrual ser um processo comum à todas as mulheres, a Organização Mundial de Saúde (OMS), tem buscado modificar a forma de estudar a menstruação destacando a importância de considerar aspectos sociais, psicológicos e biológicos de cada mulher (BERTONI et al., 2011).

Para Esteves (2021), a menstruação foi um assunto relacionado ao medo e a coisas negativas por séculos, o que findou tornando o assunto de pouco relevância e o silenciando perante a sociedade com uma carga de crenças, mitos e tabus.

3.2 Aspectos sociais, psicológicos e biológicos que interferem no ciclo e no período menstrual

A menstruação tem sido um tema negligenciado por anos, deixado de lado e fazendo com que meninas tornem o assunto uma experiência a ser vivida solitariamente (DE SOUZA, 2017; CAMPAGNA; SOUZA, 2006). As mulheres aprenderam desde sempre a esconder e tornar a menstruação um assunto proibido, principalmente aos homens (JOHNSTON-ROBLEDO; CHRISLER, 2013).

A falta da devida visibilidade e investimento na temática envolvendo a saúde menstrual acarreta problemas de saúde que podem até mesmo levar a morte, além dos desgastes emocionais, pouco abordados devido ao silenciamento gerado pelo tabu em torno da menstruação, os quais influenciam na vida da mulheres (FUNPA; UNICEF, 2021).

Além de enfrentar uma intimidante sociedade que censura um fenômeno biológico do corpo humano feminino, as mulheres ainda precisam lidar com as alterações emocionais resultantes como, dores abdominais e nas mamas, cefaleia, alterações no apetite e no humor, retenção hídrica entre outros aspectos observados. Essas alterações são decorrentes da chamada Síndrome Pré - Menstrual (SPM), a qual trata-se do período que antecede a menstruação e é carregado de modificações psicológicas e fisiológicas (FERREIRA, L. et al., 2019).

Tal como a menstruação a SPM, popularmente conhecida como Tensão Pré-Menstrual (TPM), é por vezes ridicularizada e vista de forma negativa pelo sexo masculino e mais uma vez silencia as mulheres de se sentirem a vontade para expressarem seus sentimentos e ocasionalmente normalizarem aflições que possam vir a ser algo além do que se relaciona à SPM, como por exemplo a endometriose, doença responsável por causar infertilidade e dores pélvicas de forma crônica (MURAMATSU et al., 2001; BRILHANTE et al., 2019).

Os ciclos menstruais podem ainda sofrer impactos envolvendo o estado mental individual de cada mulher. Essa característica é mencionada por Melo; Machado; Fernandes (2006), que associam estressores psicológicos com outros tipos de estressores como a falta de emprego, as dificuldades financeiras e as disfunções no período menstrual.

Além disso, durante o período menstrual, é necessário que a mulher tenha cuidados relativos ao sangramento e dentre eles está o uso de absorventes para evitar o extravasamento do fluido menstrual. O comércio produz para vendas absorventes que sejam discretos na roupa, que exalem outros perfumes ou que não emitam odores. Em mesmo ritmo a mídia impulsiona a venda desses produtos enfatizando mulheres felizes e radiantes pela posse de artefatos tão poderosos. Em conjunto ambos estimulam ainda mais a censura em torno do período menstrual (JOHNSTON-ROBLEDO; CHRISLER, 2013).

3.3 Crenças, mitos e tabus que envolvem o período menstrual

A menstruação é associada a tabus e mitos desde os primórdios da humanidade, chegando a ser citada na bíblia como impura. Segundo Esteves (2021), a forma como a menstruação é vista sofreu alterações no decorrer da história levando sempre em consideração a cultura, a religião e o contexto de cada lugar.

No Brasil, por exemplo, devido a colonização portuguesa e conseqüentemente católica, incontáveis mitos relacionados a menstruação enraizaram na sociedade marcados pelos fundamentos das escrituras cristãs (CAVALCANTE, 2020). Segundo Sardenberg (1994), a humanidade está constantemente relacionando acontecimentos do ciclo vital, puramente biológicos, a algo cultural com uma carga de crenças e mitos saídas do imaginário popular.

Algumas culturas acreditam que se um homem dormir ou dividir a comida com uma mulher menstruada, perde sua virilidade. Em outras sociedades não é permitido que as mulheres nessas condições cozinhem, pois acredita-se que o odor de seus corpos durante esse período passará para os alimentos que tocam. Para mais além, relaciona-se ainda que ingerir alimentos azedos podem interferir no ciclo menstrual (AGAMPODI, T. C.; AGAMPODI, S. B., 2018; MISHRA; KUMUDHAVALLI, 2021).

Em determinadas crenças, essas mulheres são proibidas de ir em templos religiosos, excluídas e separadas dos homens. São ainda contidas de lavar os cabelos e fazer exercícios físicos sob alegações de interferências na consistência e volume do sangue menstrual (RICHARDSON, 1988; UNICEF, 2018).

Em decorrência a inúmeros tabus, as mulheres estão ligadas instintivamente ao sentimento de vergonha ao falarem sobre o assunto, o sentimento é tão marcante que por vezes as mulheres não conseguem citar aspectos positivos da menstruação para a saúde (STUBBS; COSTOS, 2004).

Dessa forma, afim de amortecer o impacto do termo menstruada foram criadas expressões que tivessem o mesmo teor porém com um aditivo de impureza ou com teor pejorativo ao significado, como por exemplo, “estar de chico” e “estar naqueles dias” (MUNDIM; DE SOUZA; GAMA, 2021).

Desde a menarca e a forma de abordagem deste tema até o climatério, as mulheres lidam com uma carga biológica e social que torna a experiência natural do corpo humano feminino, em algo desconfortável e estressante (CAVALCANTE, 2020).

3.4 Pobreza Menstrual

Pobreza menstrual é definido por Rossouw e Ross (2021), como a falta de boas condições ao período menstrual, desde saneamento básico até produtos de higiene e informações básicas a respeito da menstruação. Atualmente estima-se que no mundo mais da metade da população não tenha acesso a saneamento básico, 526 milhões sequer tem acesso a um banheiro e 12,5 % da população feminina não tem acesso a produtos de higiene em decorrência do alto custo dos mesmos (UNICEF, 2017; MOVIMENTO ODS, 2020).

A falta de adequado acesso aos produtos de higiene tem como consequência o imprevisto, isto é, mulheres precisam utilizar de outros métodos para driblar a ausência destes produtos. No entanto esses métodos são responsáveis pelo desenvolvimento de alergias, infecções urogenitais e até uma condição que pode levar à morte, conhecida como Síndrome do Choque Tóxico (FUNPA; UNICEF, 2021).

Ou seja, além de lidar com os incômodos dolorosos envolvendo a menstruação, ainda há pessoas que não podem arcar com os custos que esse período gera e precisam manter-se afastadas de atividades do dia-a-dia como trabalhos e escolas (CARNEIRO, 2021).

Para aquelas mulheres que vivem em situação carcerária, o descaso é ainda maior, segundo Queiroz (2015), apesar de haver uma distribuição, o número disponibilizado é pouco e quando há uma necessidade maior, ter um absorvente torna-se moeda de troca dentro dos presídios femininos.

A desigualdade social e de gênero é claramente visualizada ao retratar sobre pobreza menstrual. No entanto, o assunto vem ganhando atenção e, em 2014, a ONU considerou o acesso a higiene menstrual questão de saúde pública e de direitos humanos. E foi baseado em tal consideração que, em 2021, o Conselho Nacional dos Direitos Humanos editou a Recomendação 21, que orienta a elaboração de uma política nacional que colabore com a educação menstrual e com o acesso de meninas, mulheres e detentas que possuem acesso limitado a absorventes e métodos de higiene (BRASIL,2020).

A luta por melhores condições para as mulheres vulneráveis que se encontram neste período ganhou força com a publicação, em 06 de outubro de 2021, pelo Projeto de Lei nº 14.214 que criou o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual. No entanto, o conteúdo integral da referida lei que foi aprovado pelo Congresso Nacional, não foi sancionado pelo presidente da república, sendo vetado a garantia de distribuição gratuita de absorventes às partes principais desse projeto, as mulheres (BRASIL, 2007b).

3.5 Papel do profissional de saúde na desmistificação das crenças, mitos e tabus que envolvem o período menstrual.

Afim de estabelecer o primeiro contato de saúde com a população foi criado na Atenção Primária à Saúde, a Estratégia de Saúde da Família (ESF) que tem como objetivo qualificar a atenção em saúde e as práticas de educação em saúde procurando estimular os indivíduos a refletirem e elaborarem pensamentos críticos (DIAS et al., 2018; FERREIRA, L. et al., 2019).

A educação em saúde deve ser realizada por uma equipe multiprofissional e é essencial para que ocorra mudanças de comportamentos de riscos e, principalmente para conferir autonomia em saúde à população. Esta pode ser feita individualmente e coletivamente, ou seja, de forma que seja mais atrativo para a participação dos cidadãos, contribuindo com a população e com o profissional de saúde. Dentre os inúmeros temas que podem ser abordados nas atividades de educação em saúde destaca-se o comprometimento com as questões sociais e com as lutas pelos direitos dos diversos grupos (BRASIL, 2007; BARRETO et al., 2019).

A educação menstrual de meninas e meninos é de fundamental importância para superar falsas crenças, uma vez que um dos motivos de negligência com assuntos menstruais é a desigualdade de gênero, em quem as mulheres são por vezes silenciadas. Para a disseminação do conhecimento, o tema deve ser de entendimento de ambos os sexos (KAUR, R.; KAUR, K.; KAUR R., 2018).

Debater e esclarecer a respeito dos enlaces da menstruação é esperar que a pluralidade dos corpos seja entendida, é dar visibilidade a um assunto ainda visto de forma polêmica pela sociedade e, principalmente, pelas mulheres, as quais foram moldadas pelas gerações e pela mídia a acreditar em estigmas, mitos e tabus a respeito do período menstrual (SOUZA, 2018; MUNDIM; DE SOUZA; GAMA, 2021).

A maior parte das meninas quando chegam à menarca não estão preparadas ou não estão bem instruídas e educadas, dessa forma, se deparam com a vergonha e medo ao experienciar a menstruação levando a perpetuar sentimentos negativos a respeito do período (AMANN-GAINOTTI, 1986; MUDEY et al., 2010).

Cerca de 30% das mulheres possuem alterações em seus ciclos menstruais, seja ela na forma de dores severas, fluxos intensos ou transtornos mentais, como depressão e ansiedade. E é devido à ausência de conhecimento que tratamentos de doenças como endometriose, doença crônica responsável por dor pélvica e infertilidade, são realizados tardiamente, devido

a banalização das cólicas menstruais realizada pela sociedade (PARAZZINI et al., 2017; BENTO; MOREIRA, 2018; CRITCHLEY et al., 2020).

A temática é um assunto multidisciplinar, no qual ao fim obtenha-se a solução de problemas que infringem os direitos humanos, e para isso é essencial que seja ensinado para meninas antes mesmo da menarca os sentimentos e desconfortos que uma mulher é exposta durante a menstruação, além de métodos para lidar com eles e com a higiene adequada (FUNPA; UNICEF, 2021; MISHRA; KUMUDHAVALLI, 2021).

Além da educação em saúde, ao prestar assistência à população feminina, os profissionais de saúde devem se atentar para a possibilidade de ocorrência da síndrome do choque tóxico que pode surgir em decorrência da ausência de atenção com a higiene menstrual. Esta síndrome foi descoberta em 1978, pode ser letal e é observada na utilização de tampões absorventes que se colonizaram com a bactéria *Staphylococcus aureus*, responsáveis pela liberação de toxinas que causam infecções. Essa colonização se dá pelo acúmulo de sangue entre outras condições favoráveis para bactéria como a alteração do pH vaginal (FERNÁNDEZ et al., 2018; CHIARUZZI et al., 2020; MARTÍNEZ-PIZARRO, 2020).

É importante quebrar o silenciamento da mulher e dar voz as suas fraquezas, dores, sofrimentos psíquicos e dificuldades, principalmente durante o período menstrual. Expor as mulheres a situações que afetem o psicológico, mesmo quando não há intenção de fazer, é uma forma de violência, dessa maneira, não prestar assistência adequada perpetua uma violência de gênero presente na nossa sociedade (BRILHANTE, et al, 2019).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. O estudo descritivo busca descrever fatos e fenômenos de uma determinada realidade. Enquanto a abordagem qualitativa tem por objetivo produzir novas informações, trabalhando com inúmeros significados, crenças, aspirações e valores buscando além de números, mas a compreensão de grupos sociais, por exemplo (GOLDENBERG, 1997; MINAYO, et al., 2001).

4.2 Local de estudo

Este estudo foi realizado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a qual possui uma estrutura acadêmica de cinco escolas, 44 cursos de graduação presenciais, 25 cursos à distância e 47 especializações nas mais diversas áreas. A universidade foi inicialmente fundada há 62 anos e atualmente é composta por 14.910 alunos em graduação a distância e presencial e um corpo docente composto por 1.339 professores, sob a reitoria da Prof^a Olga Izilda Ronchi (SOCIEDADE GOIANA DE CULTURA, 2021).

Pertencente a Escola de Ciências Sociais e da Saúde, se encontra o curso de Enfermagem na modalidade bacharelado e presencial com duração de cinco anos, segundo matriz curricular. O curso conta com laboratórios internos na universidade e hospitais escolas para aulas práticas. E para mais além, no âmbito de pesquisa, a universidade fornece estímulos para iniciação científica e outros projetos de pesquisa organizados pelo o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Sociedade (SOCIEDADE GOIANA DE CULTURA, 2021).

4.3 População de estudo

A população de estudo foi constituída por discentes da Escola de Ciências Sociais e da Saúde (ECISS) da PUC/GO.

Foram incluídos no estudo os discentes do 1º e do 10º ciclo do curso de enfermagem, de ambos os sexos, maiores de 18 anos e que, no 1º semestre de 2022, estavam devidamente matriculados no eixo temático:

- ENF1043 - As Dimensões Do Humano
- ENF1095 - Estágio Supervisionado II

Foram excluídos do estudo os discentes que não concordarem com a participação na pesquisa, os que não estavam presentes na data de coleta e os que não responderam ao questionário.

Dessa forma, participaram da pesquisa 42 discentes do primeiro módulo e 26 do último módulo do curso de enfermagem totalizado sessenta e oito (68) discentes.

4. 4 Coleta de dados

Para coleta de dados foi utilizado um questionário elaborado pela autora, semi estruturado contendo perguntas abertas e fechadas cujas respostas possibilitou o alcance dos objetivos propostos para essa pesquisa (APÊNDICE B). A coleta de dados somente foi iniciada após a apreciação e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sendo este aprovado com o protocolo nº 56604322.8.0000.0037.

A aplicação do questionário foi executada como se segue:

- Presencialmente para os discentes matriculados no eixo temático ENF1043 - As Dimensões Do Humano: os acadêmicos foram abordados no final da aula do eixo temático e convidados a participar da pesquisa. Nesse momento, foram dadas todas as explicações quanto ao projeto de pesquisa e aos que aceitaram participar, foi solicitado aos mesmos que procedessem à assinatura do TCLE (APÊNDICE A) e, em seguida ao preenchimento do instrumento de coleta de dados. Para responder ao questionário, o discente gastou de 10 a 15 minutos. A aplicação do questionário foi feita em 2 dias, não havendo outra oportunidade para alunos não presentes nos momentos das coletas.

- Virtualmente para os discentes matriculados no eixo temático ENF 1095 - Estágio Supervisionado II: a pesquisadora obteve, junto aos representantes de turma do eixo temático, o endereço eletrônico individual de cada possível participante deste estudo. Por meio deste endereço foi feito contato com os mesmos para obtenção do consentimento e para o preenchimento do instrumento de coleta de dados. No primeiro contato procedeu-se a explicação quanto aos objetivos da pesquisa e sua importância, bem como quanto às orientações sobre o procedimento de responder ao questionário e o prazo para a resposta. Após as explicações, o TCLE (APÊNDICE C) e o questionário serão disponibilizados, via plataforma digital, ao acadêmico para preenchimento, os mesmos tiveram o prazo de três dias para o reenvio do formulário devidamente preenchido. Após esse prazo, caso o acadêmico não tivesse reenviado o formulário preenchido, foi realizado novo contato para obtenção do mesmo e quando não houve resposta, o participante foi excluído do estudo.

4. 5 Análise de dados

Em um contexto geral as análises de dados no âmbito das pesquisas qualitativas buscam entender situações e analisar fatos, sendo apropriado, para estes casos, utilizar a análise de conteúdo que permite compreender o pensamento do entrevistado através do conteúdo expresso observando variáveis como o contexto social (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; RODRIGUES, 2011).

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Minayo (2001), que propõe seguir as etapas descritas abaixo.

A primeira etapa, ou seja, a etapa de pré análise é caracterizada por organizar ideias, sistematizando em etapas para que se tenha um material útil para pesquisa. Em sequência está a segunda etapa, a exploração de material, que tem por objetivo criar as categorias que contenham segmentos importantes para a construção do estudo. E para finalizar, a terceira etapa realiza-se o tratamento, inferência e interpretação de resultados no qual busca-se a análise crítica e reflexiva do tema disposto.

4. 6 Aspectos éticos e legais

Em concordância com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 o presente projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e, somente após à aprovação pelo mesmo, se deu o início à coleta de dados. Os participantes assinaram, previamente à aplicação do questionário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que continha dados de contato da pesquisadora, riscos e benefícios da pesquisa, além de garantir a confidencialidade e sigilo com relação a identidade do participante (BRASIL, 2012).

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A coleta de dados permitiu apresentar os resultados que se seguem:

5.1 Perfil dos participantes da pesquisa

Quanto ao sexo, os resultados apontaram que houve predominância do sexo feminino em ambos os módulos, ou seja, 86% dos participantes do primeiro ciclo e 88% do décimo ciclo eram mulheres (GRÁFICOS 01 e 02).

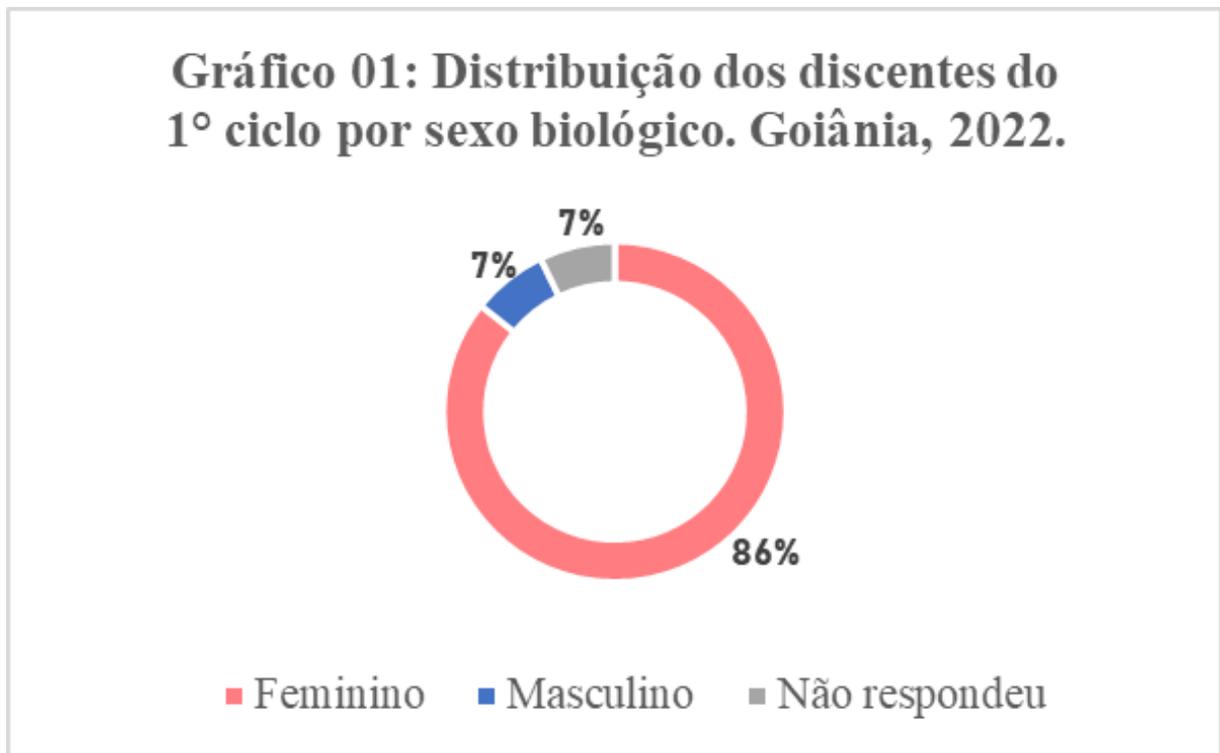


Gráfico 1 - Distribuição dos discentes do 1º ciclo por sexo biológico. Fonte: Dados da pesquisa.

Historicamente, o exercício do cuidado com doentes era realizado, a princípio, pelas irmãs de caridade de igrejas católicas. Com a reforma protestante, as instituições religiosas foram afastadas dos cargos de “enfermeiras” e substituídas por um grupo social de mulheres da época que não se enquadravam nos quesitos de obedientes aos maridos e dedicadas aos lares, ou seja, prostitutas e prisioneiras. Dessa forma, a enfermagem se expandiu por anos em cima de uma reputação por vezes avilada, por vezes angelical, mas totalmente vinculada ao sexo feminino (DONOSO; WIGGERS, 2020).

Para mais além, no Brasil, por exemplo, os homens só foram incluídos na profissão de enfermagem em 1968, quando houve a reforma universitária. Com ela algumas políticas de ensino foram revisadas, inclusive o acesso singular de mulheres a escola de enfermagem de nível superior. Anterior a esse momento, perpetuava - se uma certa especificação de gênero, uma vez que haviam cursos voltados para o sexo masculino atuar como enfermeiro em ambientes formados exclusivamente por homens, como as forças armadas (PADILHA; VAGHETTI; BRODERSEN, 2006).

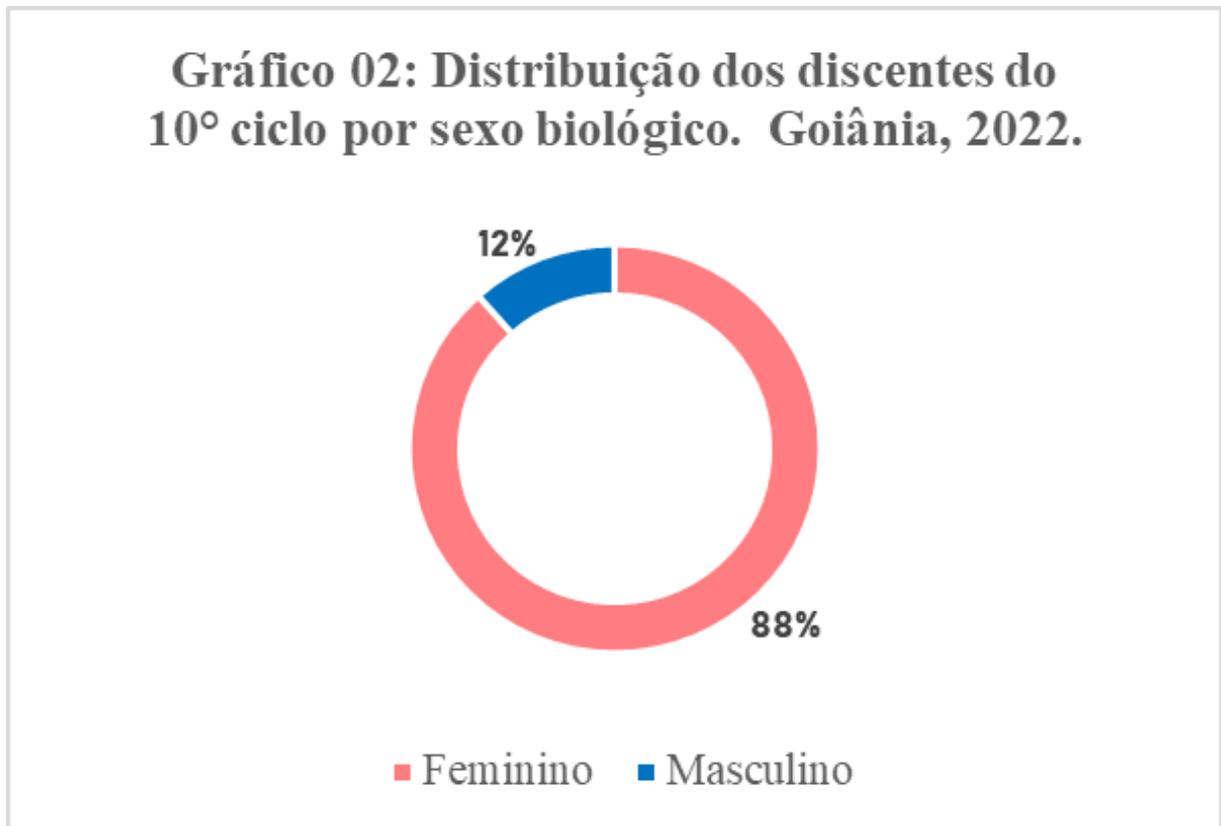


Gráfico 2- Distribuição dos discentes do 10º ciclo por sexo biológico. Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à faixa etária, foi identificado uma prevalência de jovens entre 18 a 20 anos no 1º ciclo e de 21 a 23 anos nos discentes do 10º ciclo (GRÁFICOS 03 e 04). Resultados estes encontrados de acordo com a evolução normal de estudantes que ingressam e aqueles que egressos das universidades.

Gráfico 03: Distribuição dos discentes do 1º ciclo por faixa etária. Goiânia, 2022.

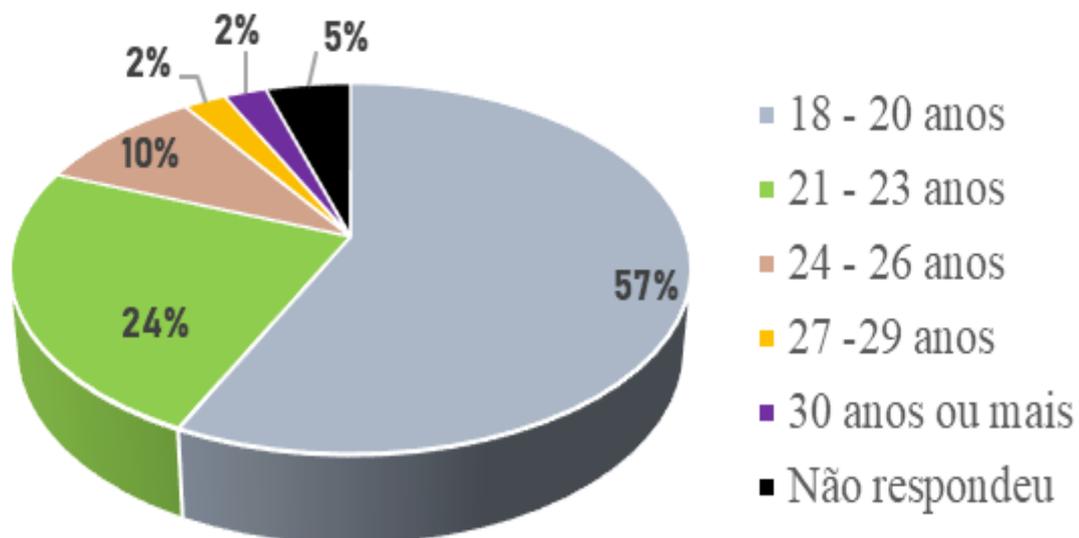


Gráfico 3 - Distribuição dos discentes do 1º ciclo por faixa etária. Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 04: Distribuição dos discentes do 10º ciclo por faixa etária. Goiânia, 2022.

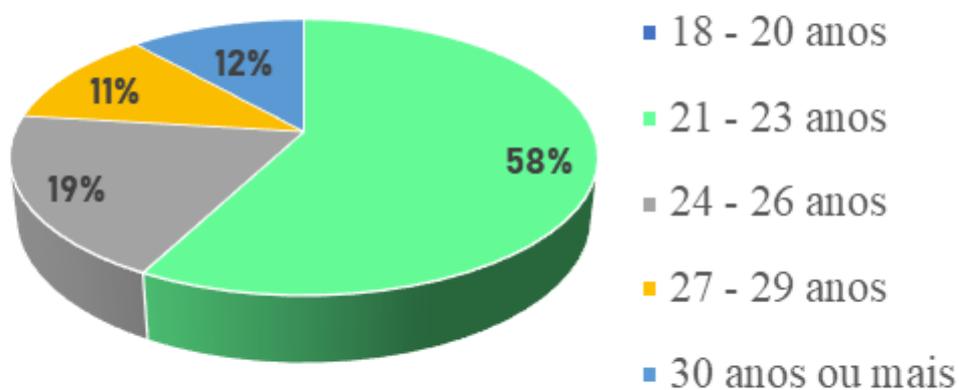


Gráfico 4 - Distribuição dos discentes do 10º ciclo por faixa etária. Fonte: Dados da pesquisa.

5.2 Crenças e estigmas dos acadêmicos de enfermagem sobre o período menstrual

De acordo com o gráfico 05, aproximadamente 19,7% dos alunos do primeiro ciclo relataram, como crença e estigma durante o período menstrual, a proibição de lavar ou cortar o cabelo, sob alegações de que isso poderia aumentar as cólicas provenientes da menstruação ou impedir o crescimento saudável dos cabelos após um corte. Seguindo, com 18%, os estudantes relataram as privações alimentícias relacionadas a não poder consumir comidas ácidas, ovos, repolho, carne de porco, entre outros por serem consideradas comidas que podem causar alteração no cheiro do sangue menstrual ou no volume. Com 11,5% foi apontado também a proibição de andar descalço neste período.

Além das crenças e estigmas relatados acima, neste grupo de participantes ainda foram apontadas, embora em menor percentual, outras crenças e estigmas como não poder cozinhar, vergonha, tradições religiosas, transtornos mentais, crescimento interrompido, indução à atividade sexual precoce, uso de alimentos para inibir/estimular a menstruação, não poder deitar no chão, não montar a cavalo, não poder sentar de perna aberta e necessidade de abstenção sexual neste período.

Interessante ressaltar que do total dos participantes, um número considerável, ou seja, 19,7% referiram não conhecer nenhuma crença ou estigma relacionado ao período menstrual (GRÁFICO 05).

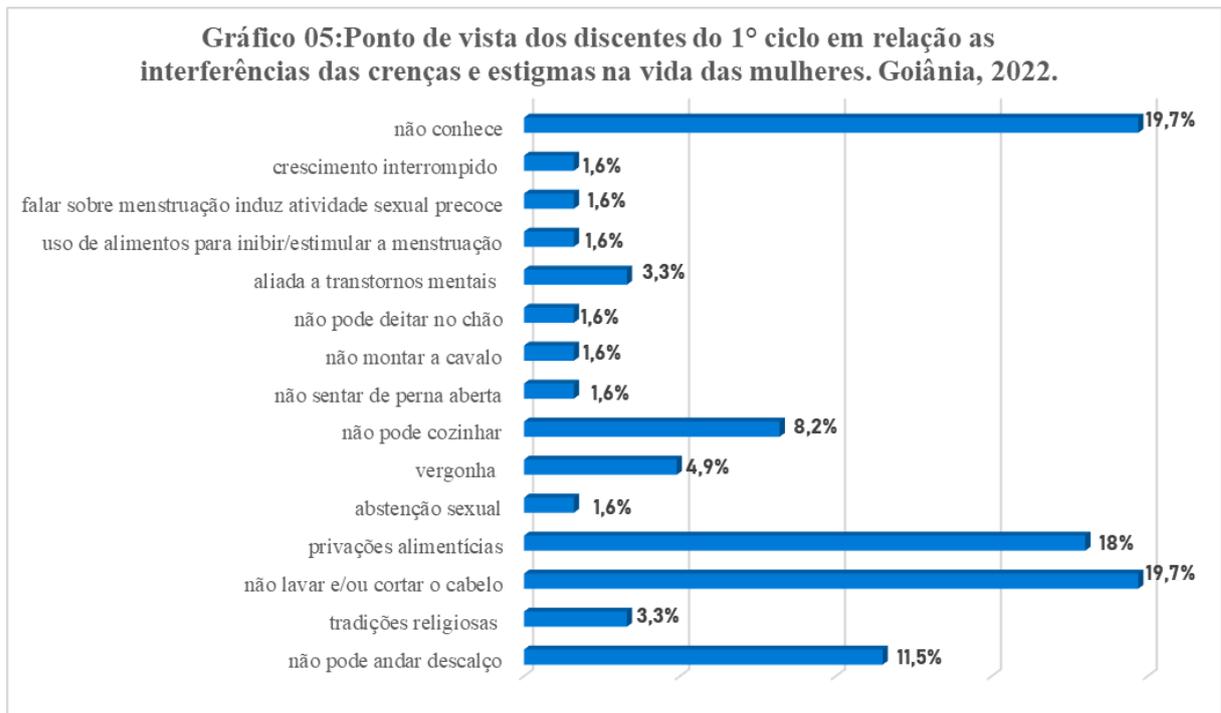


Gráfico 5 - Crenças e estigmas sobre a menstruação dos discentes do 1º ciclo. Fonte: Dados da pesquisa.

Semelhantes opiniões foram encontradas nos resultados obtidos com os alunos cursando o décimo ciclo, havendo apenas uma discrepância de resultados os quais apontam as privações alimentícias em maior porcentagem (22,9%), seguida da proibição com cortes e lavagem de cabelos com 20,8% das indicações (GRÁFICO 06).

Ponto de divergência entre os ciclos está na quarta maior porcentagem, onde o primeiro ciclo aponta o estigma de não poder andar descalço, relacionado a crença de que a ação poderia acarretar o aumento de cólicas. Já o décimo ciclo traz a vergonha de estar menstruada ou de falar sobre o assunto, como uma problemática envolvida no período menstrual (GRÁFICOS 05 e 06).

De fato, a sociedade em pleno século XXI ainda perpétua uma série de tabus, e desinformações sobre a menstruação. A sociedade estabeleceu comportamentos mecânicos ao sexo feminino para que assim as mulheres estejam sempre dependentes, domesticadas e dentro dos estereótipos femininos. Tais comportamentos foram marcando as mulheres de forma que perpetuasse de mãe para filha, inúmeros tabus e inseguranças com o próprio corpo (LINS, 2013; SANTOS, 2018).

Em ambos os módulos foram observados elevados percentuais de estudantes alegando não conhecer nenhuma crença ou estigma relacionados à menstruação. Uma possível justificativa para os altos números pertinentes a esta resposta pode estar ligada ao desenvolvimento da sociedade em torno do debate de pautas voltadas à mulher, fazendo com que o acesso a informações, de modo geral, alcance as novas gerações.

Segundo Perez e Ricoldi (2019), o que antes era divulgado em grupos pequenos, com a internet, o alcance fica cada vez maior. Portanto, qualquer pessoa pode compartilhar ideias e informações e outras tantas podem ter acesso a esse conteúdo divulgado. Para o autor “A internet criaria uma comunidade de mulheres ciberativistas” (PEREZ, 2019, p.9), podendo assim difundir e politizar assuntos que são de domínio do sexo feminino, mas que devem ser entendidas e compreendidas pelo sexo masculino.

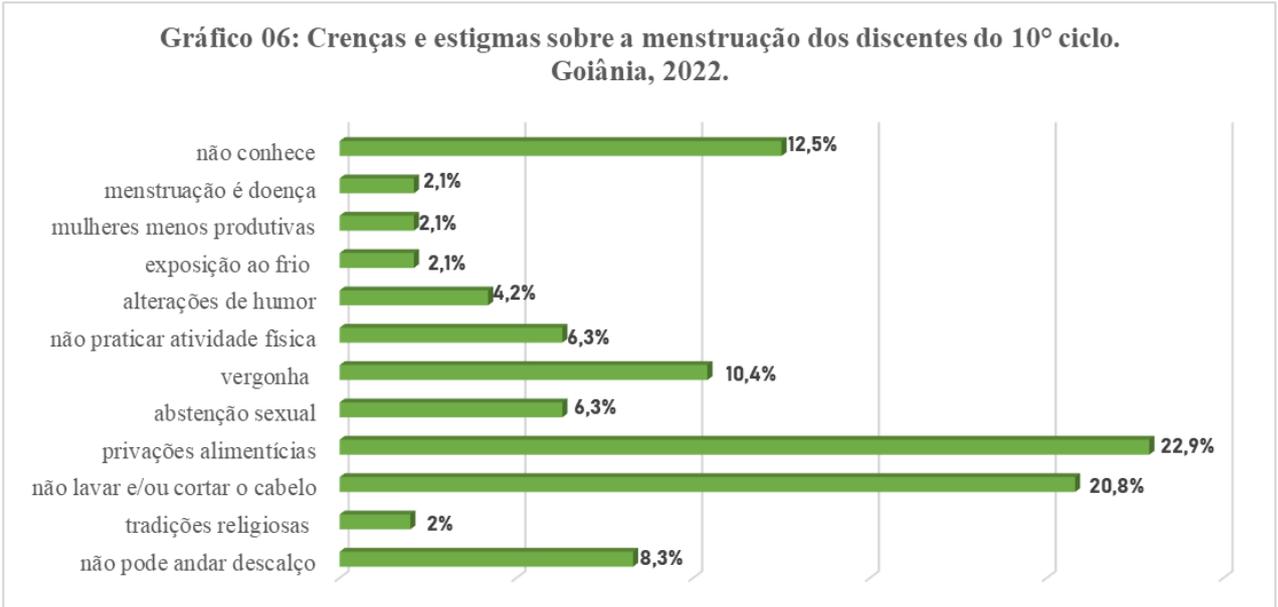


Gráfico 6 - Crenças e estigmas sobre a menstruação dos discentes do 10º ciclo. Fonte: Dados da pesquisa.

5.3 Interferência das crenças e estigmas dos acadêmicos de enfermagem sobre o período menstrual na vida das mulheres

Questionados sobre qual seria a interferência das crenças e estigmas da menstruação na vida das mulheres, grande parte dos estudantes do primeiro ciclo relataram não achar que os mesmos interfiram na vida das mulheres (27,9%), semelhante resultado foi encontrado nos relatos dos acadêmicos do décimo ciclo (22,2%) (GRÁFICOS 07 e 08).

O fato é que com o passar das décadas, informações foram alcançadas com maior facilidade, no entanto, por vezes essas informações chegam com maior facilidade as massas privilegiadas. Dessa forma, populações formadas por jovens com acesso fácil a informações, apesar de conhecer crenças e estigmas passados por antigas gerações, eles possuem o conhecimento de se tratar apenas de crendices, mitos e tabus, portanto, não acreditam que as mulheres possam sofrer alterações em suas vidas.

Os estudantes do primeiro ciclo trouxeram em destaque também a problemática dos estigmas silenciarem as mulheres para novas discussões por transformarem o assunto em um tabu (25,6%) (GRÁFICO 07).

Os discentes do décimo ciclo pontuaram com maior percentual (25%) o fato de crenças e estigmas limitarem as atividades normais do dia-a-dia da vida das mulheres, seguido pelos desconfortos e inseguranças (16,7%) gerados pelas crendices (GRÁFICOS 07 e 08).

Existem conceitos que tornam o tema menstruação marginalizado e fortalecem os “conhecimentos” primitivos que podem gerar impactos negativos na saúde da mulher renegando um fator biológico do seu organismo e levando a uma visão negativa do próprio corpo (SANTOS, 2018).

Em estudo realizado por Ferreira (2019), as mulheres, ao serem questionadas sobre quando seria bom para menstruar, declararam ser o momento em que estão em casa, ou seja, livres de atividades de trabalho ou estudo. No mesmo estudo cerca de 66,7% alegaram que prefeririam não menstruar mais, válido ressaltar que o estudo teve maior participação, 44,7%, de mulheres entre 22-30 anos de idade.

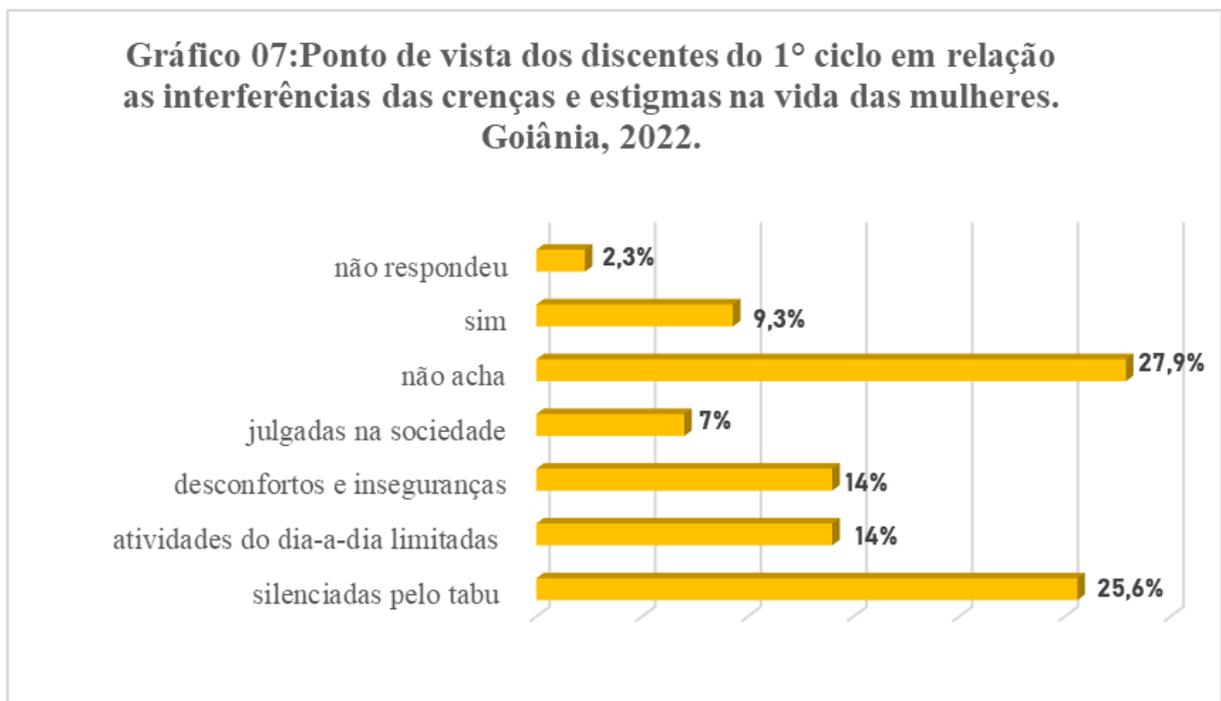


Gráfico 7- Ponto de vista dos discentes do 1º ciclo em relação às interferências das crenças e estigmas na vida das mulheres. Fonte: Dados da pesquisa.



Gráfico 8- Ponto de vista dos discentes do 10º ciclo em relação as interferências das crenças e estigmas na vida das mulheres. Fonte: Dados da pesquisa.

Fonte: *Dados da pesquisa*

5.4 Percepção dos acadêmicos quanto ao papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

A maioria dos acadêmicos dos dois ciclos concordaram que o papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual está na iniciativa de orientar as mulheres (GRÁFICOS 09 e 10). Esse resultado corrobora com o pensamento de Lozano Ruiz (2010), que afirma que a orientação para as mulheres deve ultrapassar as barreiras históricas criadas ao se tratar sobre a menstruação e que uma discussão apropriada com um profissional da saúde pode ser o caminho para diminuir ultrapassados estereótipos, tratando o assunto cientificamente e dando prioridade à saúde da mulher.

Para os discentes do decimo ciclo, além de orientar as mulheres, houve destaque para a elaboração e promoção de projetos de educação em saúde para mulheres adultas e adolescentes (GRÁFICO 10).

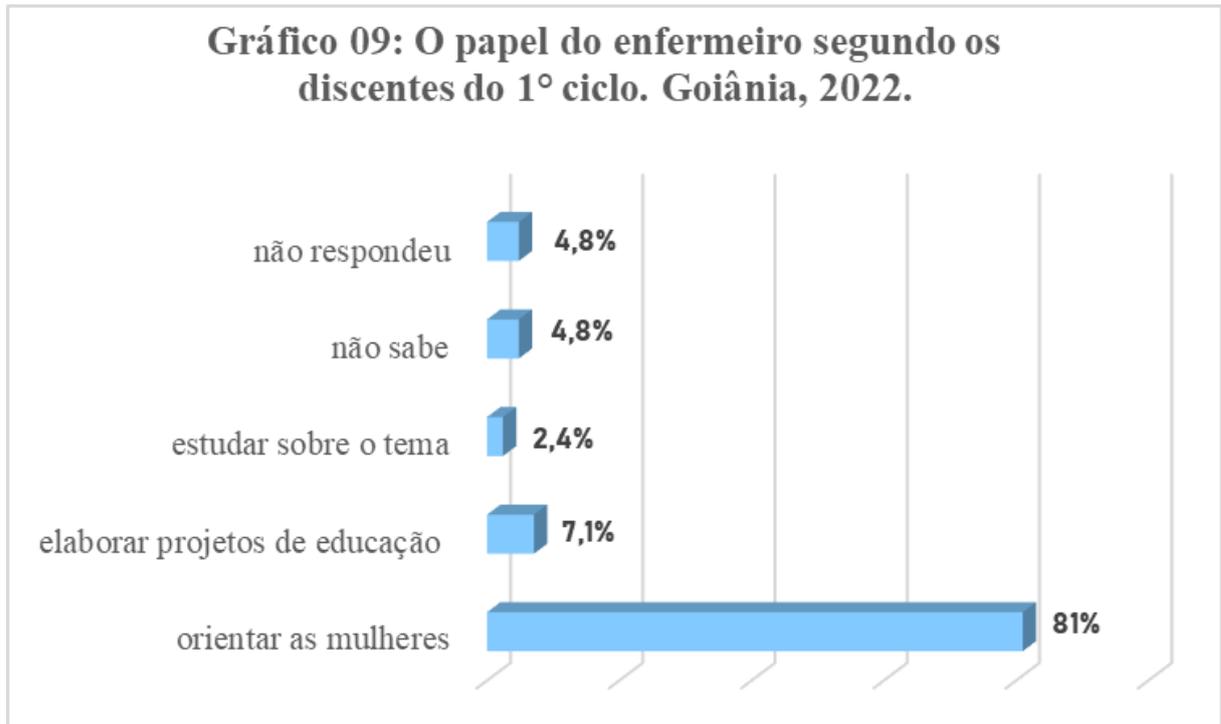


Gráfico 9- O papel do enfermeiro segundo os discentes do 1º ciclo. Fonte: Dados da pesquisa.

O investimento em programas de educação em saúde que alcance as mulheres de forma ampla, permitiria que este assunto fosse abordado desde a adolescência, concedendo o direito de que as meninas sejam devidamente esclarecidas sobre as fases do desenvolvimento do seu corpo, diminuindo inclusive o risco que há por trás das informações disponibilizadas na internet, que possam vir a ser proporcionadas por indivíduos com más intenções e/ ou por conteúdos inapropriados (SANTOS, 2018).

Uma discussão simples do uso adequado de absorventes e a importância de uma boa higiene podem impedir inflamações como a causada pela bactéria *Staphylococcus aureus* devido ao acúmulo de sangue em absorventes. Em 2012 a modelo norte-americana Laura Wasser passou por uma amputação de membros devido complicações ocasionadas pela infecção, denominada por Síndrome do Choque Tóxico. A modelo relatou não ter conhecimento adequado sobre o tempo de troca dos absorventes internos e hoje carrega motivo para que o conhecimento seja disseminado (PEOPLE, 2018).

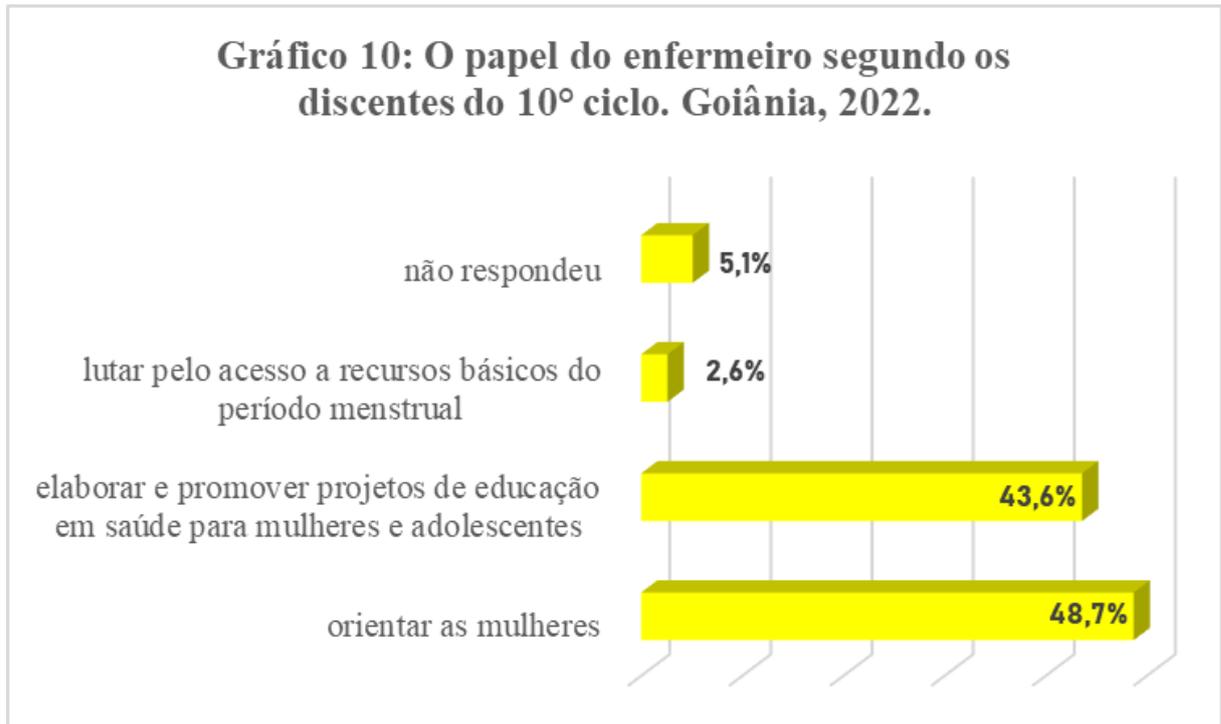


Gráfico 10 - O papel do enfermeiro segundo os discentes do 10º ciclo. Fonte: Dados da pesquisa.

Além das ações destacadas acima, os discentes de ambos os ciclos apontaram ainda, como atividades que cabem ao enfermeiro para desmistificar as crenças e os estigmas existentes e relacionados ao período menstrual, a necessidade de lutar pelo acesso a recursos básicos do período menstrual e estudar sobre o tema, seguidos por uma porcentagem que não respondeu e posteriormente por aqueles que não sabem qual seria a função do profissional.

5.5 O conceito de pobreza menstrual segundo os discentes

Segundo os acadêmicos do primeiro ciclo, o conceito de pobreza menstrual se refere à falta de informação (29,5%), falta de absorventes e coletores menstruais (23%) e na dificuldade de manter a higiene pessoal (14,8%), seja pelo difícil acesso a água, pela falta de sabonetes ou pela falta de lugares adequados para realizar a higienização (GRÁFICO 11).

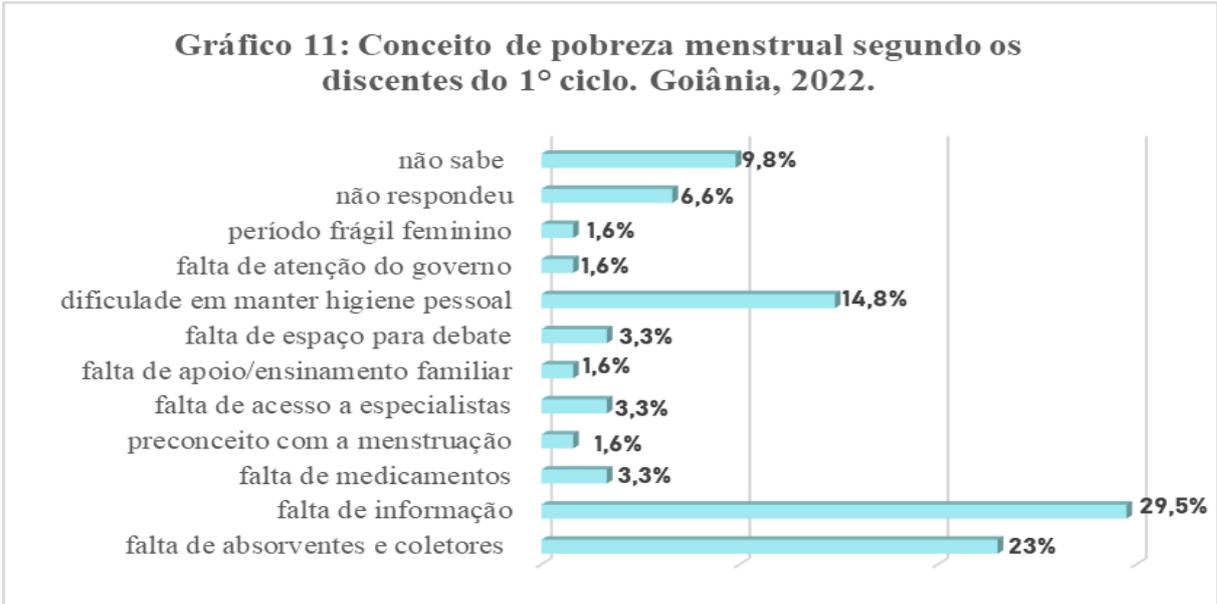


Gráfico 11- Conceito de pobreza menstrual segundo os discentes do 1º ciclo. Fonte: Dados da pesquisa.

Na pesquisa realizada com os discentes do décimo ciclo, semelhantes resultados foram encontrados. No entanto, para estes, o conceito em destaque para pobreza menstrual se trata da falta de absorventes e coletores (39,5%), seguido pela dificuldade de manter a higiene pessoal e pela falta de informação (18,4%) (GRÁFICO 12).

Segundo dados do IBGE, no 1º trimestre de 2022, cerca de 53,9% das mulheres no Brasil estavam desempregadas, colocadas dessa forma em situação de restrito acesso a dinheiro, logo, limitadas a comprar o que é de necessidade básica quanto a recursos de higiene pessoal, como absorventes. Vale ressaltar ainda, o fato do Brasil, segundo Dos Santos Neris (2020), possuir uma das maiores taxações nos preços de absorventes.

Contudo, a pobreza menstrual abrange desde falta de absorventes e coletores menstruais até a falta de acesso à infraestrutura adequada para higienização e também ainda a falta de conhecimentos próprios das mulheres sobre os cuidados envolvendo a própria menstruação (ASSAD, 2021). Uma pesquisa publicada, em 2018, pela Sempre Livre, marca feminina de cuidados, em parceria com KYRA Pesquisa & Consultoria, obtiveram um percentual de 54% das mulheres entrevistadas, em cinco diferentes países, alegando não saber nada ou quase nada sobre menstruação quando tiveram contato com o sangue menstrual pela primeira vez.

O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em conjunto com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), realizaram em 2021 a divulgação de um estudo analisando o cenário de saúde menstrual com meninas de 10 a 19 anos. O estudo identificou

que, no Brasil, cerca de 713 mil meninas vivem sem acesso a banheiro ou chuveiro em ambiente domiciliar, 4 milhões de meninas já estiverem em situação de falta de absorventes e instalações básicas no ambiente escolar, e 62% já se ausentaram das instituições escolares por falta de recursos básicos (FUNPA; UNICEF, 2021).

Números alarmantes, enfatizam a necessidade de debate da pauta que foi colocada para discussão em 2021, a fim de estabelecer legalmente a necessidade de distribuição de absorventes para estudantes dos ensinos fundamental e médio, mulheres em situação de vulnerabilidade e presidiárias, de forma gratuita (BRASIL, 2021).

A lei foi vetada pelo presidente da república, alegando que os absorventes não faziam parte dos insumos padronizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e tal benefício iria contra os princípios de universalidade, da integralidade e da equidade uma vez que beneficiava um público específico, e ainda se tratava de um gasto sem de previsão de fontes de custeio (BRASIL, 2021).

No entanto, o veto foi derrubado por parlamentares que determinavam que o ato ia contra os direitos das mulheres. Dessa forma a lei 14.214/2021 foi promulgada criando assim o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual, a qual determina a distribuição de absorventes (AGÊNCIA SENADO, 2022).

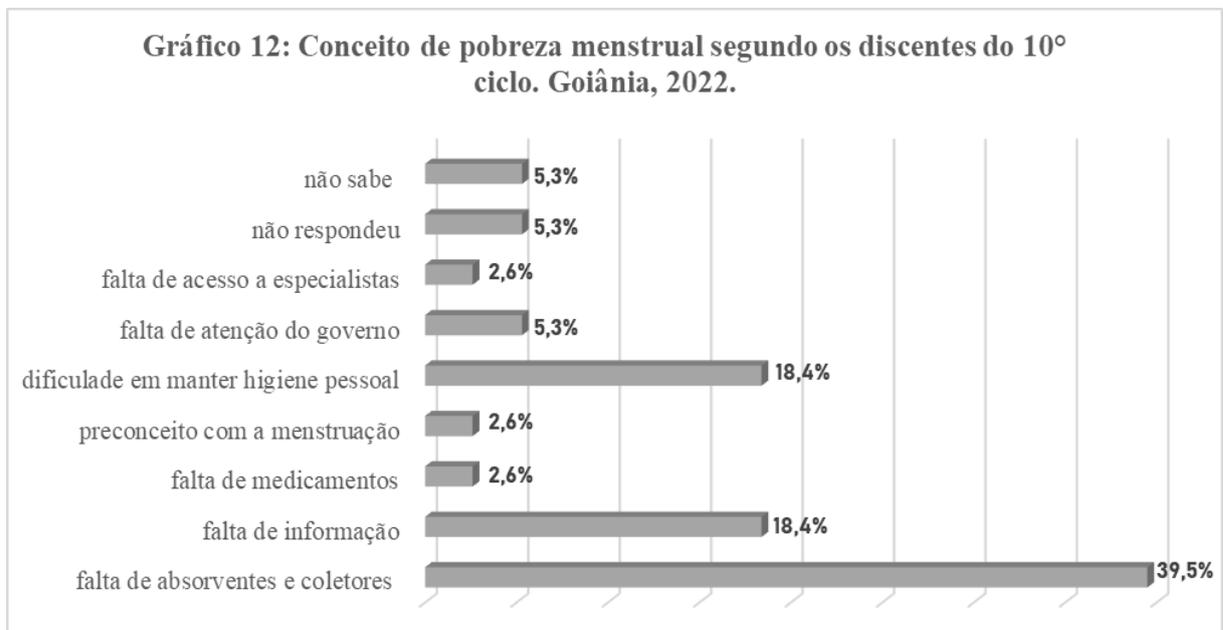


Gráfico 12- Conceito de pobreza menstrual segundo os discentes do 10º ciclo. Fonte: Dados da pesquisa.

6 CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo permitiram concluir o que se segue.

As crenças e estigmas mais apontados pelos acadêmicos de enfermagem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres se referem a não poder andar descalço, não lavar e/ou cortar o cabelo, privações alimentícias. Alguns participantes alegaram não conhecer nenhuma crença e estigma quanto ao tema.

A interferência do período menstrual, na vida das mulheres, apontadas pelos discentes se relacionam ao fato de serem silenciadas pelo tabu da menstruação, terem as atividades do dia-a-dia limitadas e sofrerem desconforto e insegurança durante esse período.

Para os acadêmicos de enfermagem, o papel do enfermeiro na desmistificação das crenças e estigmas relacionados ao período menstrual incluem orientar as mulheres, elaborar e promover projetos de educação em saúde para mulheres e adolescentes, lutar pelo acesso a recursos básicos do período menstrual e estudar sobre o tema.

Pobreza menstrual, no entendimento dos acadêmicos de enfermagem significa falta de absorventes e coletores menstruais, falta de informações sobre o tema e dificuldade em manter higiene pessoal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu alcançar os objetivos propostos.

Os resultados obtidos serão de grande importância para instituições de ensino uma vez que os conhecimentos produzidos poderão ser utilizados como conteúdo para orientar a formação dos estudantes das diversas áreas, preparando-os para o mercado de trabalho e para que possam prestar assistência segura e de qualidade à população. As instituições e os profissionais de saúde poderão utilizar as informações e orientações produzidas para qualificar a assistência a ser prestada contribuindo para o alcance do bem-estar físico, mental e social das mulheres.

Aprofundar-se no assunto permite reconhecer problemas que a primeiro momento podem ser vistos como simples, mas que, no entanto, podem vir a se tornar um problema grande se não tratado com seriedade. Falar de menstruação foi por anos tratado como um segredo entre amigas íntimas, mães e filhas e através do estudo foi visível que tamanha censura pode refletir em diversas crenças infundadas ou com explicações falsas perpetuadas por entre gerações.

De modo geral, grande parte da população de estudo tem conhecimento de alguma crença e estigma, o que nos leva a concluir que, por mais que a internet e a acessibilidade estejam presentes cotidianamente na vida das pessoas, o conhecimento que desmistifica tais crenças e estigmas não é inteiramente difundido, sendo as crenças e repassados para gerações que hoje são consideradas adolescentes jovens e adultos jovens.

O fato é que uma população de estudo formada por discentes de uma universidade privada de enfermagem possuem mais acesso a um conhecimento científico sobre o assunto e ainda assim, foram encontradas dezenove crenças, no total, a respeito da menstruação e seus enlaces. Dessa forma, pode-se concluir que estes em sua maioria não sofram impactos pelo conhecimento de tantas crenças e estigmas, no entanto uma população marginalizada, por outro lado, pode não dispor de mesmo privilégio.

Falar sobre as crenças e estigmas mostra a ponta de um *iceberg* que pode ser traduzido pela falta de informação em torno da menstruação. Quando se fala em pobreza menstrual, não se trata só do acesso a recursos de higiene, ao falar sobre o assunto é necessário ampliá-lo para a falta de informação e principalmente a falta de atenção que se tem com relação ao tema.

Não basta somente entregar absorventes para populações vulneráveis, é preciso ensinar como devem ser utilizados. Não é suficiente deixar que este assunto seja ensinado

somente de mãe para filha, principalmente, se a mãe também não foi ensinada da forma correta, enquanto profissionais de saúde é de nossa responsabilidade identificar a necessidade das usuárias e intervir da forma correta. Fornecer os recursos necessários, mas deixar para segundo plano, as informações quanto ao uso adequado dos mesmos podem acarretar em problemas para a saúde das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AGAMPODI, Thilini C.; AGAMPODI, Suneth B. Normalising menstruation, empowering girls: the situation in Sri Lanka. **The Lancet Child & Adolescent Health**, v. 2, n. 8, p. e16, 2018.

AGÊNCIA SENADO. Promulgada lei para distribuição de absorventes às mulheres de baixa renda. [S.I.]. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/03/18/promulgada-lei-para-distribuicao-de-absorventes-as-mulheres-de-baixa-renda>

AMANN-GAINOTTI, Merete. Sexual socialization during early adolescence: The menarche. **Adolescence**, v. 21, n. 83, p. 703, 1986.

ASSAD, Beatriz Flügel. Políticas públicas acerca da pobreza menstrual e sua contribuição para o combate à desigualdade de gênero. **Revista Antinomias**, v. 2, n. 1, p. 140-160, 2021.

BARRETO, Ana Cristina Oliveira et al. Percepção da equipe multiprofissional da Atenção Primária sobre educação em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, p. 266-273, 2019.

BENTO, Paulo Alexandre de Souza São; MOREIRA, Martha Cristina Nunes. Quando os olhos não veem o que as mulheres sentem: a dor nas narrativas de mulheres com endometriose. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 28, p. e280309, 2018.

BERGMANN, Carine. Projeto de Lei trata da pobreza menstrual. **Movimento Nacional ODS Santa Catarina**, 2020. Disponível em: <https://sc.movimentoods.org.br/2020/07/03/projeto-de-lei-trata-da-pobrezamenstrual/>. Acesso em: 15 set 2021.

BERTONI, Natália Canhetti et al. O significado da menstruação para a mulher no início do século XXI/The meaning of menstruation for women in the beginning of the 21st century. **Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**, p. 51-56, 2011.

BRASIL. Lei nº 14.214, de 6 de outubro de 2021. Institui o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual para assegurar a oferta gratuita de absorventes higiênicos femininos e outros cuidados básicos de saúde menstrual. Brasília, DF: palácio do Planalto, 2021a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.214-de-6-de-outubro-de-2021-386717587>. Acesso em: 22 de maio de 2022a

BRASIL. Lei nº 14.214, de 6 de outubro de 2021. Institui o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual para assegurar a oferta gratuita de absorventes higiênicos femininos e outros cuidados básicos de saúde menstrual. Brasília, DF: palácio do planalto, 2021b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/Lei/L14214.htm#art8. Acesso em: 20 de maio de 2022b

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. [Internet]. Diário Oficial da União. Brasília; 13 jun 2012

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007 p.

BRASIL. Recomendação nº 21, de 11 de dezembro de 2020. Recomenda-se a criação de um marco legal para superar a pobreza menstrual e a garantia de isenções de impostos de produtos. Brasília, DF: palácio do planalto, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/SEI_MDH1638484Recomendacao21.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2022

BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. Narrativas autobiográficas de mulheres com endometriose: que fenômenos permeiam os atrasos no diagnóstico? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, p. e290307, 2019.

CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de psicologia**, v. 56, n. 124, p. 9-35, 2006.

CARNEIRO, Márcia Mendonça. Menstrual Poverty: enough is enough. **Women & health**, v. 61, n. 8, p. 721-722, 2021.

CHIARUZZI, Myriam et al. Vaginal tampon colonization by *Staphylococcus aureus* in healthy women. **Applied and Environmental Microbiology**, v. 86, n. 18, p. e01249-20, 2020.

CRITCHLEY, Hilary OD et al. Menstruation: science and society. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, v. 223, n. 5, p. 624-664, 2020.

DIAS, Eliani Sayumi Motisuki et al. Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem/Conversation wheel as education strategy in health for nursing. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 2, p. 379-384, 2018.

DONOSO, Miguir Terezinha Vieccelli; WIGGERS, Eliana. Discorrendo sobre os períodos pré e pós Florence Nightingale: a enfermagem e sua historicidade. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 1. ESP, 2020.

DOS SANTOS NERIS, Brenda Borba. POLÍTICAS FISCAIS E DESIGUALDADE DE GÊNERO: ANÁLISE DA TRIBUTAÇÃO INCIDENTE NOS ABSORVENTES FEMININOS. **Revista FIDES**, v. 11, n. 2, p. 743-759, 2020.

ESTEVES, Alexandra. Alguns olhares sobre a menstruação. **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**, v. 23, p. 247-266, 2021.

FERNÁNDEZ, Arturo Cadena et al. Síndrome de choque tóxico por *Staphylococcus aureus*. **An Med (Mex)**, v. 63, n. 2, p. 129-133, 2018.

FERREIRA, Lorena et al. Educação Permanente em Saúde na atenção primária: uma revisão integrativa da literatura. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 223-239, 2019.

FERREIRA, Sarah Rodrigues; MANNARINO, Ludmila Amitrano; DE ALMEIDA, Alexander Pedroza. Alterações hormonais durante o ciclo menstrual e a síndrome pré-menstrual. **Pesquisa & educação a distância**, (11), 2018.

Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). 2021. POBREZA MENSTRUAL NO BRASIL DESIGUALDADES E VIOLAÇÕES DE DIREITOS.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997. HAGUETTE, TMF **Metodologias qualitativas na Sociologia**, v. 5, 1997.

GÓMEZ SÁNCHEZ, P. I. Hemorragia uterina anormal en la mujer, enfoque básico. **Revista Colombiana de Enfermería**, [S. l.], v. 2, p. 37–42, 2016. DOI: 10.18270/rce.v2i2.1391.

GÓMEZ-SÁNCHEZ, Pio Iván et al. Menstruation in history. **Investigación y Educación en enfermería**, v. 30, n. 3, p. 371-377, 2012.

INOVASOCIAL. **SEMPRE LIVRE lança pesquisa global sobre menstruação**. [S.I.]. 2018. Disponível em: <<https://inovasocial.com.br/investimento-social-privado/sempre-livre-pesquisa-global-menstruacao/>>. Acesso em: 25 mar 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, 2022.

JOHNSTON-ROBLEDO, Ingrid; CHRISLER, Joan C. The menstrual mark: Menstruation as social stigma. **Sex roles**, v. 68, n. 1, p. 9-18, 2013.

KAUR, Rajanbir; KAUR, Kanwaljit; KAUR, Rajinder. Menstrual hygiene, management, and waste disposal: practices and challenges faced by girls/women of developing countries. **Journal of environmental and public health**, v. 2018, 2018.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo**. Editora Best Seller, 2013.

LOZANO RUIZ, Lina Tatiana et al. La sangre de las otras. Cambios generacionales en la percepción de la menstruación y su relación con la dominación masculina. 2010.

MURAMATSU, Clarice H. et al. Consequências da síndrome da tensão pré-menstrual na vida da mulher. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 35, n. 3, p. 205-213, 2001.

MARTÍNEZ-PIZARRO, Sandra. Menstrual cup. Increase the infection risk? **Ginecología y Obstetricia de México**, v. 88, n. 06, p. 420-421, 2020.

MELO, Nilson Roberto de; MACHADO, Rogério Bonassi; FERNANDES, César Eduardo. Irregularidades menstruais: inter-relações com o psiquismo. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 33, p. 55-59, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISHRA, K. N.; KUMUDHAVALLI, M. V. A Brief Note on Menstrual Stigma: Social Assumptions and Responsibilities. **Int J Cur Res Rev** | Vol, v. 13, n. 06, p. 60, 2021.

MUDEY, Abhay Bhusaheb et al. A cross-sectional study on awareness regarding safe and hygienic practices amongst school going adolescent girls in rural area of Wardha District, India. **Global journal of health science**, v. 2, n. 2, p. 225, 2010.

MUNDIM, Maria Luísa Eleutério; DE SOUZA, Milena Polizelli Leite; GAMA, Vitor Castalões. Transformação da percepção da menstruação entre gerações. **Tensões Mundiais**, v. 17, n. 33, p. 229-247, 2021.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; VAGHETTI, Helena Heidtmann; BRODERSEN, Gladys. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. **Rev. enferm. UERJ** v.14, p. 292-300, 2006.

PARAZZINI, F. et al. Epidemiology of endometriosis and its comorbidities. **European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology**, v. 209, p. 3-7, 2017.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: **Congresso Latino-Americano de ciência política (ALACIP)**. 2019.

QUEIROZ, Nana. Presos que menstruam. Rio de Janeiro: Record, 2015

RATTI, Claudia Ramos et al. O tabu da menstruação reforçado pelas propagandas de absorvente. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2015.

RICHARDSON, John TE. Student learning and the menstrual cycle: Myths and realities. **Studies in Higher Education**, v. 13, n. 3, p. 303-314, 1988.

RODRIGUES, Miguel. O tratamento e análise de dados. **Metodologia para a investigação social**, p. 179-230, 2011.

RODRÍGUEZ, Maribel Blázquez; GALLARDO, Eva Bolaños. Aportes a una antropología feminista de la salud: el estudio del ciclo menstrual. **Salud colectiva**, v. 13, p. 253-265, 2017.

ROSSOUW, Laura; ROSS, Hana. Understanding Period Poverty: Socio-economic inequalities in menstrual hygiene management in eight Low-and Middle-Income Countries. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 5, p. 2571, 2021.

SANTOS, Angélica dos. **Menstruação: um olhar sob à mulher**. 2018. Monografia (Tecnologia em Produção Têxtil) - Faculdade de Tecnologia de Americana, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

SARDENBERG, Cecília MB. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Estudos feministas**, p. 314-344, 1994.

SOCIEDADE GOIANA DE CULTURA. **Histórico e Institucional da PUC Goiás**. Disponível em: < <https://www.pucgoias.edu.br/institucional/>>. Acesso em: 20 out 2021.

SOUZA, T. M. de. PERSPECTIVAS SOBRE A MENSTRUACÃO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES NA PUBLICIDADE E NA MILITÂNCIA FEMINISTA ONLINE. **CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, [S. l.], n. 23, 2018. DOI: 10.34019/1981-2140.2017.17450. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17450>. Acesso em: 17 out. 2021.

STUBBS, Margaret L.; COSTOS, Daryl. Negative attitudes toward menstruation: Implications for disconnection within girls and between women. **Women & Therapy**, v. 27, n. 3-4, p. 37-54, 2004.

THIYAGARAJAN, D. K.; BASIT, H.; JEANMONOD, R. Physiology, Menstrual Cycle. 2021 Sep 18. **StatPearls. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing**, 2021.

TRACY, Brianne. What Toxic Shock Syndrome Survivor Lauren Wasser Wants Women to Know About Tampon Safety. **People**, March, 15, 2018. Disponível em: < <https://people.com/health/what-toxic-shock-syndrome-survivor-lauren-wasser-wants-women-to-know-about-tampon-safety/>>. Acesso em: 27 de março de 2022.

UNICEF (South Asia). **7 alarming myths about periods we have to end now**. Let's break the silence, [S. L.] 1 jun. 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/rosa/stories/7-alarming-myths-about-periods-we-have-end-now>. Acesso em: 7 out. 2021.

UNICEF et al. **Progress on drinking water, sanitation and hygiene**. 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação.

Pesquisador: Maria Alice Coelho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56604322.8.0000.0037

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goias

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.338.795

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Enfermagem. Segundo as autoras: “Proveniente da hierarquia de gênero perpetuadas dentro de religiões e culturas, a menstruação ainda hoje é vista como algo impuro e vinculado a falta de higiene. Ainda com inúmeras informações e estudo acerca do tema é comum se deparar com tabus, mitos e uma carga de sentimento de vergonha ao se tratar do assunto com outras mulheres e, principalmente, com o sexo masculino”. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, que será realizado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás com discentes da Escola de Ciências Sociais e da Saúde (ECISS) do 1º e do 10º ciclo do curso de enfermagem. A depender das condições epidemiológicas da pandemia da COVID 19, a coleta de dados poderá ocorrer presencialmente ou virtualmente, e terá duração de 15 a 20 minutos, com a aplicação de um questionário semiestruturado. Hipótese: O enfermeiro possui papel fundamental na desmistificação de crenças e mitos relativos ao período menstrual.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a percepção dos acadêmicos do primeiro e décimo ciclo do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás quanto às crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

Objetivos específicos

Endereço: Avenida universitária, 1069, Área IV, Bloco D, Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.605-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3946-1512 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.338.795

- Identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres.
- Verificar a percepção dos acadêmicos quanto ao papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Pertinentes com a proposta do estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram devidamente apresentados.

Recomendações:

Lê-se no projeto: Serão excluídos do estudo os discentes que não concordarem com a participação na pesquisa, os que não estiverem presentes na data de coleta e os que não responderem ao questionário.

A condição de não concordar com a participação na pesquisa e não responder ao questionário não se configura como critérios de exclusão, mas o não aceite em participar da pesquisa. Recomenda-se a revisão deste item.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foi encontrado nenhum óbice ético na presente versão do projeto, portanto considera-se APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

INFORMAÇÕES AO PESQUISADOR REFERENTE À APROVAÇÃO DO REFERIDO PROTOCOLO:

1. A aprovação deste, conferida pelo CEP PUC Goiás, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação sobre sua pesquisa em casos de alterações metodológicas, principalmente no que se refere à população de estudo ou centros participantes/coparticipantes.
2. O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP PUC Goiás, via Plataforma Brasil, relatórios semestrais do andamento do protocolo aprovado, quando do encerramento, as conclusões e publicações. O não cumprimento deste poderá acarretar em suspensão do estudo.

Endereço: Avenida universitária, 1069, Área IV, Bloco D, Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.605-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3946-1512 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.338.795

3. O CEP PUC Goiás poderá realizar escolha aleatória de protocolo de pesquisa aprovado para verificação do cumprimento das resoluções pertinentes.

4. Cabe ao pesquisador cumprir com o preconizado pelas Resoluções pertinentes à proposta de pesquisa aprovada, garantindo seguimento fiel ao protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1865957.pdf	02/04/2022 19:02:51		Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	02/04/2022 19:00:56	Maria Alice Coelho	Aceito
Outros	RespostaPendencia.docx	02/04/2022 18:58:57	Maria Alice Coelho	Aceito
Outros	TermoAnuencia.pdf	02/04/2022 18:56:03	Maria Alice Coelho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEOnline.pdf	02/04/2022 18:54:33	Maria Alice Coelho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	02/04/2022 18:53:13	Maria Alice Coelho	Aceito
Outros	FormularioOnline.pdf	02/04/2022 18:52:49	Maria Alice Coelho	Aceito
Outros	ColetaDeDados.pdf	02/04/2022 18:46:16	Maria Alice Coelho	Aceito
Outros	CurriculoJackelineFreitas.pdf	02/04/2022 18:44:53	Maria Alice Coelho	Aceito
Outros	CurriculoMariaAliceCoelho.pdf	02/04/2022 18:44:29	Maria Alice Coelho	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	02/04/2022 18:44:12	Maria Alice Coelho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	02/04/2022 18:43:56	Maria Alice Coelho	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	09/02/2022 15:11:11	Maria Alice Coelho	Aceito

Endereço: Avenida universitária, 1069, Área IV, Bloco D, Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.605-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3946-1512 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 5.338.795

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 07 de Abril de 2022

Assinado por:
ROGÉRIO JOSÉ DE ALMEIDA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida universitária, 1069, Área IV, Bloco D, Prédio da Reitoria, 1º andar, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.605-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3946-1512 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para coleta de dados presencial)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título **O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação**. Meu nome é Maria Alice Coelho, sou professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em todas as folhas e em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do número: (62) 99127-9208 para ligações telefônicas ou através do e-mail malice_coelho@hotmail.com. Residente na 6º Avenida, 2-101 St. Leste Vila Nova, Goiânia – GO, CEP 74645-080. Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, St. Universitário, Goiânia/GO. Funcionamento: das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas de segunda a sexta-feira. E-mail: cep@pucgoias.edu.br

O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinada ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Pesquisadores:

Pesquisadora responsável: Maria Alice Coelho

Pesquisadora participante: Jackeline Freitas Marinho Nascimento, e-mail: jackelinemarinho21@hotmail.com e telefone (62) 99690-6400

O motivo que nos leva a propor essa pesquisa é identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos de enfermagem possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres e o papel do enfermeiro na desmistificação dos mesmos.

Tem por objetivo analisar a percepção dos acadêmicos do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás quanto às crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

O procedimento de coleta de dados poderá ter duração de 10 a 15 minutos e você deverá responder a um questionário elaborado pelas autoras, contendo perguntas abertas e fechadas sobre o tema da pesquisa.

Riscos: a presente pesquisa é de risco mínimo. Assim, pode vir a acarretar transtornos emocionais ou desconfortos em decorrência de sua participação. Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza para dirimir possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação você poderá interromper sua cooperação, se necessário receberá o devido suporte e atenção de forma inteiramente gratuita para diminuição e/ou suspensão dos sintomas apresentados.

Tendo em vista a pandemia da COVID 19 e a possibilidade de contaminação com o vírus SARS-COV-19, informamos que, para minimizar os riscos de contaminação pelo vírus, durante todos os contatos entre você e as pesquisadoras serão utilizadas as medidas preventivas preconizadas nos protocolos emitidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), tais como: o uso obrigatório da máscara e de álcool em gel, bem como a higienização de qualquer objeto que poderá ser compartilhado entre os participantes.

Benefícios: esta pesquisa terá benefícios para as instituições e para os profissionais de saúde bem como para as instituições de ensino e para os estudantes das diversas áreas. As instituições e os profissionais de saúde poderão utilizar as informações e orientações produzidas para qualificar a assistência a ser prestada contribuindo para o alcance do bem-estar físico, mental e social das mulheres. Para as instituições de ensino, os conhecimentos produzidos poderão ser utilizados como conteúdo para orientar a formação dos estudantes das diversas áreas, preparando-os para o mercado de trabalho e para que possam prestar assistência segura e de qualidade à população.

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá qualquer penalização ou prejuízo.

Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados na pesquisa a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados serão

guardados por, no mínimo, 5 anos e, após esse período os mesmos serão destruídos por meio de incineração. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pleitear indenização.

Os resultados desta pesquisa serão apresentados durante a jornada científica do curso de enfermagem da PUC Goiás. Nessa ocasião você será informado do local data e horário da apresentação e convidado a participar e conhecer os resultados da pesquisa. Além disso, caso você não possa participar você poderá ter acesso aos resultados desse estudo, bastando para isso solicitar ao pesquisador.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo este será ressarcido pelo pesquisador responsável. Adicionalmente, em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao pesquisador responsável pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Declaração do Pesquisador

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe de pesquisa declara que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa; que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Declaração do Participante

Eu, _____, abaixo assinado, discuti com a Prof^a Maria Alice Coelho e/ou sua equipe sobre a minha decisão em participar como voluntário (a) do estudo **O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação**. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia integral e gratuita por danos diretos, imediatos ou tardios, quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste

estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia,____, de__de____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B - Instrumento de coleta de dados



**PROJETO DE PESQUISA: O PAPEL DO ENFERMEIRO NA
DESMISTIFICAÇÃO DE ESTIGMAS ACERCA DA MENSTRUACÃO**

DATA DO PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO: ____/____/____

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

IDADE: _____

- Identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres.
- Verificar a percepção dos acadêmicos quanto ao papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação

1. Você conhece alguma crença e ou estigma acerca da menstruação? () SIM () NÃO

Se sim, quais?

2. Você acha que as crenças e estigmas relacionados ao período menstrual interferem na vida das mulheres? () SIM () NÃO

Se sim, como?

3. Na sua percepção, qual é o papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados à menstruação?

4. O que você entende por pobreza menstrual?

APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para coleta de dados online)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título **O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação**. Meu nome é Maria Alice Coelho, sou professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em todas as folhas e em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do número: (62) 99127-9208 para ligações telefônicas ou através do e-mail malice_coelho@hotmail.com. Residente na 6° Avenida, 2-101 St. Leste Vila Nova, Goiânia – GO, CEP 74645-080. Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, St. Universitário, Goiânia/GO. Funcionamento: das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas de segunda a sexta-feira. E-mail: cep@pucgoias.edu.br

O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinada ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Pesquisadores:

Pesquisadora responsável: Maria Alice Coelho

Pesquisadora participante: Jackeline Freitas Marinho Nascimento, e-mail: jackelinemarinho21@hotmail.com e telefone (62) 99690-6400

O motivo que nos leva a propor essa pesquisa é identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos de enfermagem possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres e o papel do enfermeiro na desmistificação dos mesmos.

Tem por objetivo analisar a percepção dos acadêmicos do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás quanto às crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

O procedimento de coleta de dados será *online*, via plataforma *Google Forms* e consistirá em responder um questionário elaborado pelas autoras, contendo perguntas

abertas e fechadas sobre o tema da pesquisa. Você poderá responder o questionário logo após assinar esse termo ou em até sete dias após a assinatura do mesmo. Para essa atividade você poderá gastar de 10 a 15 minutos.

Riscos: a presente pesquisa é de risco mínimo. Assim, pode vir a acarretar transtornos emocionais ou desconfortos em decorrência de sua participação. Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza para dirimir possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação você poderá interromper sua cooperação, se necessário receberá o devido suporte e atenção de forma inteiramente gratuita para diminuição e/ou suspensão dos danos apresentados.

Uma vez que a resposta ao questionário será por meio digital existe o risco de contaminação do equipamento (computador) utilizado ou até mesmo extravio dos dados podendo ocorrer a exposição dos mesmos e a quebra do sigilo de sua identidade. Para evitar essas ocorrências e minimizar essas possibilidades, as pesquisadoras se comprometem a não utilizar listas de e-mails para enviar mensagens, a manipular os dados em modo de segurança e, caso alguma situação indique a possibilidade de vazamento de dados proceder-se à varredura dos mesmos e/ou o encaminhamento do equipamento (computador) para análise de profissional especialista que irá apagar as informações e reinstalar o sistema.

Benefícios: esta pesquisa terá benefícios para as instituições e para os profissionais de saúde, bem como para as instituições de ensino e para os estudantes das diversas áreas. As instituições e os profissionais de saúde poderão utilizar as informações e orientações produzidas para qualificar a assistência a ser prestada contribuindo para o alcance do bem-estar físico, mental e social das mulheres. Para as instituições de ensino, os conhecimentos produzidos poderão ser utilizados como conteúdo para orientar a formação dos estudantes das diversas áreas, preparando-os para o mercado de trabalho e para que possam prestar assistência segura e de qualidade à população.

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo quanto à sua identidade e a sua privacidade. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderá interromper a resposta ao questionário a qualquer momento e esta decisão não produzirá qualquer penalização ou prejuízo.

Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados na pesquisa a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo.

Os dados coletados serão guardados por, no mínimo 5 anos e, após esse período os

mesmo serão excluídos de plataforma virtual e de dispositivos eletrônicos de posse da pesquisadora. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pleitear indenização.

Os resultados desta pesquisa serão apresentados durante a jornada científica do curso de enfermagem da PUC Goiás. Nessa ocasião você será informado do local data e horário da apresentação e convidado a participar e conhecer os resultados da pesquisa. Além disso, caso você não possa participar você poderá ter acesso aos resultados desse estudo, bastando para isso solicitar ao pesquisador.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo este será ressarcido pelo pesquisador responsável. Adicionalmente, em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao pesquisador responsável pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Uma via deste documento está disponível para você, basta fazer o download do arquivo clicando [AQUI](#).

Após ter recebido tais esclarecimentos e as informações sobre a pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, você deve clicar na opção [CONCORDO](#) que você será direcionado para o questionário. Caso contrário, clique em [NÃO CONCORDO](#) que encerraremos.

APÊNDICE D - Instrumento de coleta de dados virtual

01/04/2022 20:27

Pesquisa: O PAPEL DO ENFERMEIRO NA DESMISTIFICAÇÃO DE ESTIGMAS ACERCA DA MENSTRUÇÃO

Pesquisa: O PAPEL DO ENFERMEIRO NA DESMISTIFICAÇÃO DE ESTIGMAS ACERCA DA MENSTRUÇÃO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), do Projeto de Pesquisa sob o título O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso que tem por objetivo analisar a percepção dos acadêmicos do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás quanto às crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

***Obrigatório**

1. Se possuir interesse no convite, por favor, leia e caso esteja de acordo, consinta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a seguir *

Marcar apenas uma oval.

- Abrir o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Pular para a seção 2 (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)
- Não tenho interesse

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esclarecimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação. Meu nome é Maria Alice Coelho, sou professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em todas as folhas e em duas vias, sendo a primeira de guarda e a segunda de confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do número: (62) 99127-9208 para ligações telefônicas ou através do e-mail malice_coelho@hotmail.com. Residente na 6ª Avenida, 2-101 St. Leste Vila Nova, Goiânia – GO, CEP 74645-080. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, St. Universitário, Goiânia/GO. Funcionamento: das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas de segunda a sexta-feira. E-mail: cep@pucgoias.edu.br

O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinada ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Pesquisadores:

Pesquisadora responsável: Maria Alice Coelho

Pesquisadora participante: Jackeline Freitas Marinho Nascimento, e-mail: jackelinemarinho21@hotmail.com e telefone (62) 99690-6400

O motivo que nos leva a propor essa pesquisa é identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos de enfermagem possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres e o papel do enfermeiro na desmistificação dos mesmos.

Tem por objetivo analisar a percepção dos acadêmicos do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás quanto às crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.

O procedimento de coleta de dados será online, via plataforma Google Forms e consistirá em responder um questionário elaborado pelas autoras, contendo perguntas abertas e fechadas sobre o tema da pesquisa. Você poderá responder o questionário logo após assinar esse termo ou em até sete dias após a assinatura do mesmo. Para essa atividade você poderá gastar de 10 a 15 minutos.

Riscos: a presente pesquisa é de risco mínimo. Assim, pode vir a acarretar transtornos emocionais ou desconfortos em decorrência de sua participação. Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza para dirimir possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação você poderá interromper sua cooperação, se necessário receberá o devido suporte e atenção de forma inteiramente gratuita para diminuição e/ou suspensão dos danos apresentados.

Uma vez que a resposta ao questionário será por meio digital existe o risco de contaminação do equipamento (computador) utilizado ou até mesmo extravio dos dados podendo ocorrer a exposição dos mesmos e a quebra do sigilo de sua identidade. Para evitar essas ocorrências e minimizar essas possibilidades, as pesquisadoras se comprometem a não utilizar listas de e-mails para enviar mensagens, a manipular os dados em modo de segurança e, caso alguma situação indique a possibilidade de vazamento de dados proceder-se à varredura dos mesmos e/ou o encaminhamento do equipamento (computador) para análise de profissional especialista que irá apagar as informações e reinstalar o sistema.

Benefícios: esta pesquisa terá benefícios para as instituições e para os profissionais de saúde, bem como para as instituições de ensino e para os estudantes das diversas áreas. As instituições e os profissionais de saúde poderão utilizar as informações e orientações produzidas para qualificar a assistência a ser prestada contribuindo para o alcance do bem-estar físico, mental e social das mulheres. Para as instituições de ensino, os conhecimentos produzidos poderão ser utilizados como conteúdo para orientar a formação dos estudantes das diversas áreas, preparando-os para o mercado de trabalho e para que possam prestar assistência segura e de qualidade à população.

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo quanto à sua identidade e a sua privacidade. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderá interromper a resposta ao questionário a qualquer momento e esta decisão não produzirá qualquer penalização ou prejuízo.

Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados na pesquisa a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo.

Os dados coletados serão guardados por, no mínimo 5 anos e, após esse período os mesmos serão excluídos de plataforma virtual e de dispositivos eletrônicos de posse da pesquisadora. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pleitear indenização.

01/04/2022 20:30

Pesquisa: O PAPEL DO ENFERMEIRO NA DESMISTIFICAÇÃO DE ESTIGMAS ACERCA DA MENSTRUÇÃO

Os resultados desta pesquisa serão apresentados durante a jornada científica do curso de enfermagem da PUC Goiás. Nessa ocasião você será informado do local data e horário da apresentação e convidado a participar e conhecer os resultados da pesquisa. Além disso, caso você não possa participar você poderá ter acesso aos resultados desse estudo, bastando para isso solicitar ao pesquisador.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo este será ressarcido pelo pesquisador responsável. Adicionalmente, em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao pesquisador responsável pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Uma via deste documento está disponível para você, basta fazer o download do arquivo clicando no link a seguir: <https://drive.google.com/file/d/1f11MvJcEZBCzk1iAJqfiaHQ9Og-kNufp/view?usp=sharing>

Após ter recebido tais esclarecimentos e as informações sobre a pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, você deve clicar na opção CONCORDO que você será direcionado para o questionário. Caso contrário, clique em NÃO CONCORDO que encerraremos.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

2. *

Marcar apenas uma oval.

CONCORDO *Pular para a pergunta 3*

NÃO CONCORDO

QUESTIONÁRIO

•Identificar as crenças e estigmas que os acadêmicos possuem sobre o período menstrual e que ainda interferem na vida das mulheres.
•Verificar a percepção dos acadêmicos quanto ao papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados ao período menstrual.
•O papel do enfermeiro na desmistificação de estigmas acerca da menstruação

3. DATA DO PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

4. SEXO

Marcar apenas uma oval.

MASCULINO

FEMININO

5. IDADE

6. Você conhece alguma crença e ou estigma acerca da menstruação?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

7. Se sim, quais?

8. Você acha que as crenças e estigmas relacionados ao período menstrual interferem na vida das mulheres?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Se sim, como?

01/04/2022 20:30

Pesquisa: O PAPEL DO ENFERMEIRO NA DESMISTIFICAÇÃO DE ESTIGMAS ACERCA DA MENSTRUACÃO

10. Na sua percepção, qual é o papel do enfermeiro na desmistificação de crenças e estigmas relacionados à menstruação?

11. O que você entende por pobreza menstrual?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários